Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Ano VIII•nº324•Uberaba/MG• outubro de 2005

Edição Histórica

Discursos revelam Mário Palmério

Pronunciamentos na Câmara Federal nos anos 1950 permanecem atuais no debate político do século 21

issuu-downloader.com

Destaque

Alunos de Comunicação conquistam três prêmios nacionais

Divulgação

Diego de Morais e o Johny Daniel foram destaque em premiação no Rio de Janeiro

De redação

Dois estudantes de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) conquistaram três importantes premiações na 12º Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação (Expocom), realizada em setembro, no Campus da Universidade Estadual do Rio de janeiro (UERJ). A Expocom é promovida anualmente pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), e hoje é considerada a principal premiação brasileira para distinguir os melhores trabalhos acadêmicos na área de Comunicação nas faculdades e universidades de todo o país. Neste ano, o evento recebeu mais de 3 mil trabalhos divididos em diversas modalidades e categorias.

Diego de Morais, aluno do 2º período, concorreu com estudantes da PUC, da Cásper Líbero, da Estácio da Sá, e conquistou o 1º lugar na categoria Comunicação e Cidadania, modalidade Cinema e Vídeo, com o trabalho "O mundo na ponta dos dedos". Além disso, o mesmo trabalho foi novamente premiado na modalidade Vídeo-minuto, conquistando o 2º lugar. O araxaense Johny Daniel, também estudante do 2º período, conquistou Menção Honrosa na categoria Humor Gráfico, modalidade História em Quadrinhos, com o trabalho "Simples como um sorriso". Ambos foram orientados pelo professor André Azevedo da Fonseca, que também foi premiado.

A coordenadora de Publicidade & Propaganda do curso de Comunicação, Érika Galvão Hinkle, considera que esse reconhecimento nacional é muito importante para o desenvolvimento do projeto pedagógico do curso. "Primeiro porque percebemos que nossos alunos, desde os primeiros períodos, já estão motivados e preparados para participar de eventos desse porte. Eles mostraram na prática que, sendo bem orientados, são capazes de superar o nível de qualidade de universitários de qualquer lugar do Brasil. Em segundo lugar, e isso para nós é muito importante, a conquista do 1º lugar no Prêmio de Comunicação e Cidadania reforça o compromisso do curso e de toda a equipe de professores em investir na formação de profissionais atentos para a responsabilidade social do comunicador."

Ciências da Comunicação

Pesquisadores da Uniube participam de congresso no Rio de Janeiro

Estudos do curso de Comunicação Social e do Memorial Mário Palmério foram apresentados na Intercom 2005

De redação

O coordenador de Jornalismo da Universidade de Uberaba (Uniube), Raul Osório Vargas, o professor do curso de Comunicação Social, André Azevedo da Fonseca, e a pesquisadora do Memorial Mário Palmério, Cristiane Ferreira de Moura, participaram como palestrantes no 28º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). O congresso foi realizado entre os dias 5 e 9 de setembro na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na capital carioca.

Congresso da Intercom é o mais importante evento nas Ciências da Comunicação no Brasil

Raul Osório apresentou o trabalho "O lugar da oratura na revista Reportagensaio: um flagrante de Folkcomunicação", um estudo sobre narrativas orais na construção de reportagens, baseado em sua tese de doutorado na USP e em sua experiência com a revista Reportagensaio. André Azevedo da Fonseca apresentou seu estudo "Jornalismo para a transformação: a pedagogia de Paulo Freire aplicada às Diretrizes Curriculares de Comunicação Social". Este trabalho é um prosseguimento da pesquisa que o professor apresentou no Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo, em Maceió (AL), e na Cátedra Unesco da Universidade Metodista, em São Bernardo do Campo (SP), em maio. Além disso, o professor André Azevedo e a pesquisadora Cristiane Ferreira de Moura, especialista em Organização de Arquivos pela USP, apresentaram o estudo "Projeto Memorial Mário Palmério: uma estratégia de articulação entre organização de arquivo e pesquisa biográfica" – um relato da experiência em andamento de estruturação do centro de documentação.

O congresso da Intercom é o mais importante evento nas Ciências da Comunicação no Brasil e neste ano reuniu mais de 4 mil estudantes, professores e pesquisadores de vários países da América do Sul. Em 2005, o evento contou também com a participação de intelectuais norte-americanos, que travaram uma discussão acadêmica com os brasileiros no 2º Colóquio Brasil-EUA de Ciências da Comunicação. Para o coordenador de Jornalismo, Raul Osório Vargas, a tripla presença da Uniube neste congresso confirmou a relevância de Uberaba no cenário nacional na pesquisa em Comunicação Social.

intercom2005
• • • tema Central • • •
ensino e pesquisa em comunicação

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba (revelacao@uniube.br)

Professores Orientadores: Anderson Andreozi (anderson.andreozi@uniube.br) • André Azevedo da Fonseca (andre.azevedo@uniube.br) • Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • Cíntia Cerqueira Cunha (cintia.cunha@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Diagramação: Gisele Barcelos • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Érika Galvão Hinkle (erika.galvao@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica Jornal de Uberaba • • • Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Bloco L / Sala L18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • Tel: (34)3319-8953 • http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br

issuu-downloader.com

Educação

Outros tempos, novos cursos, mas e a Reforma?

Há mais de 50 anos discute-se a Reforma Universitária. Mas o que realmente queremos?

Fábio Luís da Costa
7º período de Jornalismo

A capital não é mais carioca, o interior não tem apenas meia duzia de faculdades independentes. Temos uma Universidade com mais de 35 cursos. O interior cresceu, novos cursos foram criados, mas a tão sonhada reforma universitária ainda não saiu do papel.

A reforma que o Ministério da Educação (MEC) propõe tem, como pressuposto fundamental, a concepção de que a produção de saberes deve estar democraticamente a serviço do desenvolvimento de nosso país e da inclusão social. O deputado Mário Palmério já pregava isso há anos. Para a estudante de Direito da Uniube, Juliana Castejon, "o sistema público deve ser referência de qualidade em ensino, pesquisa e extensão". Ela acredita que os movimentos estudantis sempre cobraram do governo a reforma desde o processo de democratização, mas que pouca coisa - ou nada - mudou.

Não é fácil definir um projeto que é debatido há mais de 50 anos e que ganha concretude neste momento. A nova proposta vem sendo analisada desde o ano de 2002. Em linhas gerais, a reforma universitária quer a valorização do ensino público, a regulamentação do ensino privado e a democratização do acesso à universidade. A presidente da União Estadual dos Estudantes em Minas (UEE/MG), Luana Bonone, observa que "o projeto, apresentado pelo Ministério da Educação, está sendo estudado entre as diversas entidades ligadas ao setor e avança em relação ao ensino superior que possuímos hoje".

A metodologia adotada pelo MEC é interessante. Já saíram três versões do anteprojeto de lei. Isso permitiu um diálogo extremamente frutífero com entidades como a própria União Nacional de Estudantes (UNE), a Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e tantas outras.

A terceira versão do projeto traz avanços como, por exemplo, a destinação de 9% do orçamento das universidades federais para Assistência Estudantil (bandejão, moradia, etc.). Já nas universidades privadas, estabelece um prazo mínimo para a divulgação dos reajustes, que passa de 45 para 120 dias, nos períodos letivos. Ainda na terceira versão, a UNE quer incluir a lei de mensalidades que garanta a negociação entre estudantes e mantenedoras.

Bruno Stuckert/Folha Imagem

Estudantes de várias partes do país se reuniram ano passado em Brasília para exigir a Reforma Universitária

Neste quadro, a Reforma Universitária cumpre agora uma "quarta" etapa: a batalha para sua aprovação, que também contará com a UNE para que o anteprojeto seja aprovado e que nele permaneçam as propostas encaminhadas pelas entidades, e que não ocorra o *lobby* dos donos de universidades que possa impedir os avanços da Reforma.

Nas universidades privadas, a terceira versão do projeto estabelece um prazo mínimo para a divulgação dos reajustes, que passa de 45 para 120 dias

Patrícia Cunha, vice-presidente da UNE/MG, diz que "o importante agora é nos concentrarmos nas discussões e mobilizações para que, assim que o anteprojeto for encaminhado para discussão e votação no Congresso, a nossa atuação seja efetiva para influenciar a aprovação".

A presidente da UEE/MG, Luana Bonone, diz que as medidas favorecem as mobilizações contra o aumento abusivo de mensalidades e põe um freio nos reajustes feitos na surdina das festas de fim-de-ano. "É claro que em um momento delicado como vive o país hoje, durante esta crise política, muitas coisas ficam travadas no Congresso, mas os estudantes já estão nas ruas para lutar pela democracia no Brasil contra a desestabilização do governo e por uma reforma universitária com democracia e por soberania", afirma.

Luana ainda acrescenta que "é preciso discutir a educação de forma geral, o que não significa que projetos específicos sejam ruins. Pelo contrário, ao mesmo tempo em que debatemos uma reforma universitária avançada, está sendo criado o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb). Mas não podemos recrudescer na luta por ampliação das vagas nas universidades públicas, pois mesmo que todos os jovens que concluem o segundo grau estivessem prontos a entrar na universidade, não haveria vagas para todos," conclui Luana. Mais uma vez, lamentavelmente, persiste a questão apontada por Mário Palmério há 50 anos.

Existe um problema originado no sucateamento do ensino básico público a partir de 1964, mas existe também um desafio relativo ao número de vagas disponíveis no ensino superior. Os dois precisam ser enfrentados, concomitantemente.

Na década de 1990, o modelo implementado nas universidades foi justamente o sucateamento da parcela pública e crescimento muitas vezes desregulamentado do setor privado na educação, não tendo sido atendidos preceitos básicos, como a qualidade de ensino.

Para Luana, "o atual anteprojeto de reforma universitária começa a construir as bases, os marcos regulatórios para a retomada do papel do Estado - que se omitiu há anos - em relação à pesquisa no Brasil".

A proposta de reforma universitária de hoje conta com elementos fundamentais, fruto de discussões que fazem parte da história da UNE, mas também atendem a demandas específicas e urgentes do nosso tempo. Um projeto que sirva ao desenvolvimento soberano do país tem que conter políticas de Estado, que sejam além dos governos, mas precisa também carregar em si mais especificidades de seu tempo. Se não for assim, a reforma não atenderá aos anseios da sociedade brasileira.

Cinco razões para motivar a reforma:

1) Para fortalecer a Universidade Pública
2) Para impedir a mercantilização do ensino superior
3) Para garantir a qualidade
4) Para garantir o acesso
5) Para construir a gestão democrática

Outras informações no sítio do MEC: *http:/www.mec.gov.br*

issuu-downloader.com

Educação

Educação também é música!

Projeto do Colégio Dr. José Ferreira desperta potencialidades dos alunos através das notas musicais

Fotos: Gisele Barcelos

Gisele Barcelos
4º período de Jornalismo

Alunos do colégio Dr. José Ferreira apresentam montagem do espetáculo da Broadway *Cats*

Tarde ensoladarada de 18 de agosto. Um dos últimos ensaios antes do dia da apresentação. Jovens músicos chegavam ao Cine Teatro Vera Cruz com seus instrumentos em punho. Os mais adiantados já estavam lá dentro afinando violinos, flautas, saxofones, violoncelos e assim por diante. Alguns alunos ensaiavam coreografias no palco, enquanto outros corriam de um lado para o outro e ajudavam na organização do cenário, dos figurinos, das luzes e do som para o musical "Oscar e Cats", que seria apresentado nos dias 19 e 20 de agosto. Ao pronunciar as palavras "Começou o ensaio", o regente Darci Vieira exigiu o fim das brincadeiras e a concentração dos alunos.

Este foi o terceiro espetáculo realizado pelo Colégio Cenecista Dr. José Ferreira. O projeto dos musicais começou em 2003, com a montagem de "Música e Fantasia", de temas infantis. No ano seguinte, foi a vez de "Na magia do cinema", que reuniu trilhas sonoras de grandes sucessos de bilheteria e foi apresentado também em Unaí, Belo Horizonte e Varginha.

A coordenadora do projeto, Miriam Morel, conhecida pelos alunos como tia Miriam, é professora de música no José Ferreira há cinco anos. Ela conta que sua proposta de criar os musicais foi imediatamente aceita e apoiada pelo diretor Danival Roberto Alves. "Gente, espaço, orquestra e um espelho para ensaiar as coreografias." Essas foram as requisições de Miriam para a implantação do projeto. Todas foram atendidas pela direção, inclusive a ajuda para montar os cenários. Daí em diante, a idéia se expandiu.

Mas qual a importância desse projeto para os alunos? "É importante despertar todas as potencialidades que o ser humano tem. Dentre elas, a necessidade de apresentar aquilo que se tem de melhor", responde o diretor Danival Alves. Os alunos também compraram a idéia. "Temos uma oportunidade única. São poucas as escolas que têm um trabalho como esse no Brasil", afirma a estudante Ana Renata Assis. No primeiro musical, Miriam contava com cerca de 70 participantes. Hoje, o número praticamente dobrou: são 135. Para entrar no projeto, basta freqüentar as aulas de música. No elenco, encontram-se alunos do pré-II até o 3º colegial. A professora explica que o interesse dos alunos é incondicional: "Eles começaram a freqüentar as aulas porque gostaram de participar do musical, não porque ganhavam algo em troca".

Porém, quando se fala em carreira profissional, nem sempre a música é bem-vinda. O regente Darci Vieira conta que deixou de incentivar alunos com vocação e habilidade musical por causa disso. "Não é uma proibição. O problema é que alguns pais querem que os filhos sejam médicos ou advogados e criam certa resistência." Mesmo assim, Miriam recebeu grande apoio dos pais. "Eles gostam de ver os filhos envolvidos na parte artística da escola", diz.

E este envolvimento tem despertado o interesse dos jovens para profissões relacionadas à música e artes cênicas. A estudante do 3º colegial, Ana Renata Ribeiro, por exemplo, não descarta a possibilidade de fazer uma graduação em música no futuro, apesar de ter escolhido prestar vestibular para História.

No caso de Edgar Pereira, que participa dos musicais e da orquestra há um ano, o talento é de família. A mãe dele é professora de música no Conservatório Estadual de Música Renato Frateschi. "Estou seguindo os passos dela", brinca o garoto. Ele toca flauta transversal. Edgar não ficou preso ao projeto do colégio e atuou também em outros eventos artísticos da cidade.

Já o "veterano" Thiago Vaz Cruvinel participa dos musicais desde o começo, há três anos. "Entrei porque já pensava em seguir carreira nessa área", explica. Apesar da experiência, Thiago ainda sente aquele 'friozinho na barriga' quando chega a hora da apresentação. Mas isso não atrapalha: "se você não estiver nervoso, não vale a pena subir no palco".

Mais do que notas musicais

O projeto não desenvolve apenas habilidades vocais, instrumentais e teatrais. Gabriela Amaral de Araújo, também no 3º colegial e há dois anos na aula de canto, decidiu fazer Psicologia e acredita que a experiência com o projeto vai ajudar na sua futura profissão. Para ela, a relação com um grupo de pessoas tão diferentes entre si é fundamental para aprender a conviver. "Vou trabalhar com seres humanos e, pelo o que eu aprendi aqui, vou lidar melhor com eles quando estiver formada." E Thiago reforça: "Se você não tiver um pouco de paciência, não dá. Fica impossível!". Mas mesmo com algumas briguinhas de vez em quando, eles afirmam que o relacionamento do pessoal é como o de uma grande família. "Fazemos muitos amigos novos e nos ajudamos", completa Edgar.

Juliana Gomes já pensou em seguir carreira no mundo musical, mas não acredita que daria certo. "É algo muito difícil. Tem que correr atrás e ter muita sorte também!" Mesmo assim, o tempo dedicado aos ensaios e apresentações não foi em vão. Ela conta que o compromisso com a qualidade do espetáculo exige muita responsabilidade dos alunos, que precisam estar atentos e presentes aos ensaios antes de receber os aplausos na hora do show. Quando

issuu-downloader.com

foi apresentado o dvd do musical *Cats* original, Juliana chegou a pensar que seria impossível fazer. "Foi muito esforço. Até ensaiei em casa com a ajuda da minha irmã", ressalta.

Até na sala de aula houve melhoras. Isabela Cristina Martins, há dois na aula de canto, diz que a música tem sido uma aliada na hora de estudar. "Desenvolve a coordenação e a concentração. Eu fiquei mais atenta e eu não era assim!". Em abril, a versão *online* de A Folha de S. Paulo publicou o resultado de uma pesquisa feita em Barcelona que confirma a experiência de Isabela. Outros benefícios relacionados ao estudo da música apontados pela matéria são o desenvolvimento da memória, da percepção auditiva e raciocínio, além, é claro, de contribuir para aliviar tensões do dia-a-dia.

E os pais também reconhecem os benefícios trazidos pelo envolvimento dos filhos com a música na escola. Tereza Cristina Curado é mãe de Camila, Isabela e Henrique. Os três fazem parte da orquestra e participam dos musicais. Ela ressalta que além de ajudar no processo de aprendizagem, a música também é uma opção de lazer saudável. "É um tempo que eles estariam na frente da TV ou fazendo outras coisas que não fossem tão úteis. Acho que toda escola deveria incentivar o interesse na música e esporte."

Mas a pergunta que não quer calar é: será que sobra tempo para estudar? Em meio a tantos ensaios, apresentações e viagens, conciliar arte com a "matemática&cia" pode ser uma grande dificuldade. Tereza Curado diz que a rotina cansativa de ensaios não impede seus filhos de saírem bem na escola. "Eles encontram tempo para estudar. Às vezes, eu falo para ficarem em casa para ter mais tempo de terminar as tarefas, mas eles preferem ficar estudando até mais tarde para não faltar ao ensaio". Orgulhosa, a mãe elogia: "Na hora da apresentação, quando vejo o resultado final, dá para ver que todo trabalho valeu a pena".

Os outros estudantes também afirmam que têm tudo sob controle e dão dicas para driblar as notas baixas. "Tem que ter atenção dobrada nas aulas e resolver os exercícios com cuidado para não ficar para trás", explica Juliana Gomes. E se a situação se complica, resta o "jeitinho brasileiro" de Ana Renata: "Com umas aulinhas de reforço aqui e ali dá para recuperar".

Realmente, esse jogo de cintura dos alunos é o que mais impressiona o regente Darci Vieira. Apesar das aulas e dos trabalhos de escola, os jovens ainda arrumam tempo para as aulas de música e ensaios, que acontecem todos os dias em época de espetáculo. "É muita dedicação. Por isso, a gente se surpreende. Às vezes, pegamos músicas que são tecnicamente complicadas e achamos que eles não vão dar conta de tocar, mas eles conseguem", conta, entusiasmado.

E todo esse esforço também cativou o público de Uberaba, que tem comparecido em peso nas apresentações. Nos dois primeiros musicais, o teatro lotou e muita gente ainda ficou em pé. Houve até reprise, a pedido da platéia, por causa da falta de lugares. Este ano não foi diferente: teve até gente sentada nos corredores! Mas a iniciativa de integrar canto, dança, artes cênicas e música orquestrada é muito mais que uma opção de lazer e cultura à comunidade. A coordenadora Miriam Morel espera incentivar outros colégios a desenvolver projetos semelhantes. "Isso é bom para o crescimento da cidade."

O sucesso dos musicais e dos outros programas de incentivo à música e cultura adotados pelo José Ferreira repercutiu diretamente na imagem da instituição. Miriam Morel explica que, segundo o mito, a escola é muito rígida e tem padrões militares. Ela arrisca dizer que a mudança foi de 100% para melhor. "Muita gente fala: 'Nossa, o Zé Ferreira não era assim!'. Acredito que essa foi a proposta da direção: mostrar o lado mais humano da escola. Isso veio para deixar os meninos mais felizes."

Como funciona?

O elenco dos musicais conta com uma orquestra especialmente montada para acompanhar as apresentações. Miriam conta que quando decidiu fazer o primeiro espetáculo percebeu que era necessário ter música ao vivo. Então, selecionou entre os instrumentistas da escola aqueles com maior nível de técnica musical.

Existem mais três orquestras organizadas no José Ferreira: a Filarmônica, a primeira a ser formada, a de Cordas e a Infantil. As aulas de músicas, tanto de canto quanto de instrumentos, são oferecidas pela escola sem custo adicional e em turnos variados, para atender à disponibilidade dos alunos.

A agenda do grupo não pára! Existem o projeto *Rock Songs*, que já foi apresentado, e o de Música Popular Brasileira, que ainda está em processo de ensaio, além dos preparativos do musical 2006. E Miriam aposta alto dessa vez: "Para o próximo ano, pretendo fazer alguma coisa ligada ao musical Fantasma da Ópera".

"Artistas" de todas as idades e convivem "como uma grande família" e estão prontos para dar uma ajuda

Divulgação

Para participar dos musicais os alunos precisam participar das aulas de música

Além da orquestra do musical, existem mais três na escola: a Filarmônica, a de Cordas e a Infantil

issuu-downloader.com

Discursos traduzem Mário Palmério

Durante mais de uma década, o deputado defendeu que o progresso do Brasil deveria ser fundamentado em uma política voltada aos interesses do interior

Faeza Rezende Jacob
4º período de Jornalismo

O Memorial Mário Palmério acaba de catalogar a íntegra dos discursos que o fundador da Uniube proferiu em seus 12 anos de mandato como deputado federal (de 1950 a 1962). Esse acervo impresso foi enviado pelo Centro de Documentação da Câmara Federal, em Brasília, e já foi totalmente digitado e revisado pela equipe da Universidade de Uberaba (Uniube). Segundo o coordenador do Memorial, o pesquisador e professor André Azevedo da Fonseca, os 29 discursos são fontes muito importantes para investigar a cultura política de Uberaba, do Triângulo e do país naquele período.

O ano de 1950 significou uma nova era política para a região do Triângulo Mineiro. Contrariando a tradição eleitoral concentrada sempre nas mesmas famílias da cidade, Mário Palmério candidatou-se a Deputado Federal por Minas Gerais pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), legenda comandada por Getúlio Vargas, e conquistou uma surpreendente vitória.

Certamente, devido ao seu notório interesse por questões ligadas ao ensino, Mário Palmério exerceu, durante todo o seu primeiro mandato na câmara dos Deputados, a Vice-Presidência da Comissão de Educação e Cultura. Em 1954, foi reeleito e passou a integrar a Comissão de Orçamento e a Mesa da Câmara. Mais tarde, em 1958, se reelegeu mais uma vez com sua mais expressiva votação. O deputado só abandonou o trabalho legislativo em setembro de 1962, quando foi nomeado pelo presidente João Goulart para o cargo de Embaixador do Brasil no Paraguai.

Durante seus três mandatos, ficou expresso nos discursos parlamentares que Palmério dedicou boa parte de sua representação parlamentar à defesa dos interesses do Triângulo e da interiorização do desenvolvimento do Brasil.

Reforma Universitária, requisito para o desenvolvimento!

Em discurso proferido no dia 15 de junho de 1951, na Câmara dos Deputados, Mário Palmério já defendia modificações no sistema educacional superior no país. Educador e fundador da Faculdade de Odontologia em Uberaba, Palmério propunha o aumento do número de vagas nas instituições de ensino superior. "O número de estabelecimentos de ensino ginasial, 1º e 2º ciclos, aumentou consideravelmente. Em conseqüência, o número de alunos diplomados por essas escolas é muito grande. Não houve compensação nas escolas superiores. O aumento dessas escolas, proporcionalmente às outras, não permite ainda a matrícula dos alunos, cujo número foi sensivelmente elevado", discursou.

"Não podemos raciocinar e muito menos legislar com a cabeça aqui no Rio de Janeiro. O problema do Rio de Janeiro não é o do interior do Brasil."

Assim, Mário Palmério – vice-presidente da Comissão de Educação da Câmara – apresentava uma alteração ao projeto do deputado Celso Peçanha. Naquela época, devido ao déficit de vagas no ensino superior, muitos dos alunos aprovados no vestibular em universidades públicas não conseguiam matricular-se porque não existiam vagas para todos. O substitutivo apresentado por Palmério propunha que as escolas superiores particulares que comprovassem a capacidade de oferecer o curso fossem autorizadas a matricular esses alunos excedentes.

"O país conta com quinze mil dentistas práticos, cuja profissão não foi regulamentada, porque não existe no interior o número de cirurgiões formados."

Para o deputado, o aumento do número de vagas significava progresso e solução para a regulamentação de profissões, como a de odontólogo. Afinal, de acordo com ele, no interior havia "carência, absoluta ausência, de bons profissionais", para promover o desenvolvimento da saúde do povo brasileiro. "O país conta com cerca de dez a quinze mil dentistas práticos, cuja profissão não foi ainda devidamente regulamentada, porque não existe no interior de nossa terra o número de cirurgiões dentistas legalmente formados para atender as necessidades da população."

Para o deputado, o progresso se basearia em uma política voltada aos interesses do interior. "Não podemos raciocinar e muito menos legislar com a cabeça aqui no Rio de Janeiro. O problema do Rio de Janeiro não é o do interior do Brasil. (...) no Triângulo Mineiro, cidades de 15, 18 e 20 mil habitantes não têm um médico, um dentista formado. Pergunto: vamos agora entravar a formação profissional desses jovens que, amanhã, vão para o interior?", indagava aos colegas de parlamento.

Fotos: Arquivo Memorial Mário Palmério

Em 1951, Mário Palmério defendeu a ampliação do número de vagas nas universidades

issuu-downloader.com

O deputado Mário Palmério na tribuna da Câmara Federal, com Ulysses Guimarães

Impostos ilegais: que estado é esse?

Em discurso na Câmara, Palmério criticou duramente a arbitrariedade do governo mineiro

Em discurso proferido no dia 25 de abril de 1952, Palmério registrou um protesto contra impostos que, para ele, foram instituídos ilegalmente pelo governo mineiro. "O senhor secretário de Finanças de Minas Gerais mandou instalar, nas entradas e saídas daquelas cidades, postos fiscais, com a incumbência de taxar mercadorias, examinando, rigorosamente, todo e qualquer veículo que por ali transite." Ou seja, para um fazendeiro levar um saco de sal até uma outra fazenda, era necessário o pagamento de impostos.

> **"Dêem-nos luz, água, esgotos, escolas, hospitais para as nossas cidades e todos pagaremos impostos com prazer"**

Indignado com o silêncio do governo mineiro e com o agravamento da vigilância policial que, para o deputado, insistia na manutenção dos postos fiscais e nos processos violentos e ilegais na taxação e cobrança dos impostos, Palmério manifestou sua reclamação: "Declaro, desta tribuna, que estou, como representante do povo do Triângulo, inteiramente solidário com o povo de minha terra, revoltado com o procedimento injusto, com o procedimento nefasto do Governo do Estado contra o povo daquela região". Naquela época, o governador de Minas Gerais era Juscelino Kubitschek.

Contra a arbitrariedade do então governo do Estado, como dizia o deputado, estavam todos os representantes da região triangulina. "Reiterando o nosso protesto contra a violência do atual Governo do Estado e o responsabilizando pela intranqüilidade e violências que têm lugar, hoje, nas cidades do Triângulo. O povo quer trabalhar, quer produzir, quer progredir, quer justiça para poder gozar de tranqüilidade (...) Não foge ao pagamento de impostos justos e razoáveis. Sempre os pagou. O que não quer é porteiras e soldados entravando o seu trabalho, tomando o seu tempo e praticando violências."

Mário Palmério exigia melhor aplicação dos recursos. "Dêem-nos luz, água, esgotos, escolas, hospitais para as nossas cidades e todos pagaremos impostos com prazer." E mais uma vez, demonstrou apoio aos seus conterrâneos. "Assim o digo, porque sei que este é o meu dever, o dever de estar com o meu povo nas suas horas cruciais e não apenas quando vou lhe pedir os seus votos."

Triângulo: o sonho de um Estado

Mário Palmério foi um dos mais fervorosos defensores da emancipação

A paixão de Mário Palmério pelo Triângulo Mineiro foi demonstrada sobretudo na defesa do movimento de emancipação da região. Em sessão realizada na Câmara dos Deputados no dia 28 de junho de 1951, Palmério fez questão de começar seu discurso reafirmando sua origem. "Devo declarar que sou triangulino, nascido numa das cidades do Triângulo Mineiro, ali vivo, ali exerço minha modesta profissão de mestre-escola, ali fiz toda a minha campanha eleitoral e estou completamente de acordo com o movimento que se alastra hoje pelo Triângulo, visando sua emancipação territorial."

Durante a sessão, a principal preocupação do deputado foi esclarecer as falsas informações veiculadas sobre o movimento. "...é um movimento sério, que já está tendo repercussão nacional, e não é justo, e não posso ler sem protesto os comentários da imprensa que visam tachá-lo de ridículo e estreitamente anti-Minas, principalmente, quando se dá a entender que esse movimento é manobrado por certo setor da economia paulista."

Palmério chegou a ter opositores à sua opinião. Porém, os argumentos contrários serviram como estímulo para uma defesa mais apaixonada do movimento. "...o nobre Deputado Rondon Pacheco (...) se coloca pela permanência do Triângulo como região mineira; eu me coloco como defensor da criação de um novo Estado no país, estado esse previsto e defendido pelo Conselho Nacional de Geografia e Estatística e que é o movimento defendido por uma verdadeira elite de patriotas e pela grande maioria dos meus coestadoanos do Triângulo Mineiro."

O movimento existia há mais de 60 anos, segundo o deputado, e era completamente lícito, pois estava amparado em dispositivos constitucionais que permitiam aos Estados se desmembrarem, se anexarem e criarem novos territórios. Conforme argumentava, a emancipação visava, acima de tudo, o bem do Brasil. "(...) novamente, minha profissão de fé em favor do movimento pró-emancipação do Triângulo Mineiro e pela criação de um novo Estado na Federação Brasileira."

issuu-downloader.com

Mais uma revolta contra a violência do Estado

Em discursos na Câmara, Palmério indignou-se contra a brutalidade das forças policiais, elogiou a imprensa e defendeu a interiorização das políticas de desenvolvimento

O parlamento foi palco para a representação da revolta pessoal de Mário Palmério e da sociedade uberabense perante "distúrbios gravíssimos" que ocorreram na cidade em 1952.

Em discurso no dia 9 de dezembro, Palmério relatou o que havia ocorrido no estádio Dal. Sacchi, no domingo que antecedera aquela data, durante uma importante partida de futebol. "Repentinamente, sem a menor justificativa, numerosos policiais, tanto da polícia militar, como da civil, investiram contra a multidão armados de 'casse-têtes', sabres e pistolas, numa indescritível agressão, ferindo numerosas pessoas, entre as quais podem se contar senhoras e crianças".

"O povo uberabense se sente profundamente ferido em seus mais legítimos e sagrados direitos"

A principal vítima desse dia tumultuado foi o locutor esportivo que, no momento da agressão, narrava a partida: Ataliba Guaritá Neto. "Pessoa das mais categorizadas, pois trata-se de ilustre vereador à Câmara Municipal", declarou.

Segundo Palmério, a revolta se generalizou por toda a cidade de Uberaba por intermédio da imprensa e de associações. "Até quando continuará a polícia do governo mineiro a espancar o povo?", provoca o deputado. Mais uma vez, Palmério criticou o governo de JK.

Nesse mesmo dia, fez questão de mostrar que seu protesto já tinha começado, antes mesmo daquela sessão. Ele leu os telegramas que havia enviado ao governador do Estado de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek, e ao ministro da Justiça, Negrão de Lima, informando e lamentando o "inominável atentado." Os recados transmitiram a revolta da população de Uberaba, "(...) povo uberabense se sente profundamente ferido em seus mais legítimos e sagrados direitos de segurança liberdade individual (...)".

"Até quando, continuará a polícia do governo mineiro a espancar o povo?"

Palmério cobrou atitude por parte das autoridades federais e estaduais. "Exijo do Sr. Presidente, do Sr. Governador de Minas Gerais, a abertura de um imediato e rigoroso inquérito, a fim de que sejam severamente punidos os criminosos." E antes de finalizar o discurso, mais uma vez, enalteceu o povo de Uberaba e protestou: "Represento, nesta casa, região próspera, progressista, e, sobretudo, orgulhosa dos seus faros de civilização. Briosos, os filhos do Triângulo, já cansados de violências policias, fica aqui, Sr. Presidente, mais esse meu protesto que é, também, uma advertência às altas autoridades policiais em Minas Gerais."

Imprensa, uma aliada do povo

O grande trabalho que a imprensa estava fazendo para o benefício da população foi exaltado em discurso publicado no dia 14 de dezembro de 1952. Palmério, que não comparecia às reuniões há alguns dias, estava ocupado com os vários municípios da região triangulina. Durante esse tempo, entre suas viagens pela região, percebeu que a divulgação do rádio estava se tornando cada dia mais extensa e profunda. "(...) a Rádio Tupi do Rio de Janeiro vem realizando um notável serviço de divulgação dos nossos trabalhos, numa colaboração conosco por todos os títulos louváveis e que deve merecer o nosso reconhecimento."

Naquela época, começaram a ser transmitidos, com grande destaque, todos os debates realizados no plenário sobre os assuntos que despertavam interesse nacional. "Reputo vital para o regime essa identificação do Povo com o Parlamento. Vital, Sr. Presidente, porque mostra à Nação o que realmente aqui fizemos, o trabalho que realizamos, o esforço que despendemos em benefício do progresso do país e do bem-estar do povo. E o povo vai fazendo uma apreciação mais fiel de seus representantes, vai conhecendo-os melhor e, conseqüência, vai-nos julgando com serenidade e com justiça."

Reinvidicando falar "em nome do povo, pelo serviço a ele prestado, e do parlamento", Mário Palmério, ainda nessa sessão, agradeceu à imprensa e ressaltou a importância desse trabalho. "... a Rádio Tupi do Rio de Janeiro e os jornalistas que organizam esse programa de difusão merecem os nossos aplausos porque estão prestando um grande e relevante serviço ao povo brasileiro, ao seu Parlamento e, sobretudo, ao regime."

Fotos: Acervo Memorial Mário Palmério

Palmério mostrou indignação contra a agressão policial ao jornalista Ataliba Guaritá Neto

Rumo ao interior...
E assim o Brasil cresce!

Para Mário Palmério, o crescimento do Brasil dependia da valorização das políticas voltadas ao interior do país. Ele defendia que a mudança da Capital Federal para Goiás favoreceria uma gestão administrativa compatível com as necessidades do Brasil Central, sobretudo em relação aos problemas básicos que impediam o progresso do país, como o aproveitamento do potencial hidrelétrico e o desenvolvimento do transporte através do investimento em ferrovias, rodovias e linhas aéreas.

Assim que foi concluída a criação de Brasília, o deputado parabenizou JK

Assim que foi concluída a criação de Brasília, o entusiasmado deputado fez questão de parabenizar o presidente Juscelino Kubitschek e mostrar que a medida já começava a apresentar resultados positivos. "Na qualidade de representante da região mais conhecida como Brasil Central, na parte referente a meu Estado, Minas Gerais, venho testemunhar nosso inarrável júbilo pela consumação de Brasília! Todos os problemas fundamentais, quase todos (...), estão resolvidos. E, para isso, bastou a realização de Brasília", disse, visivelmente deslumbrado, em discurso na Câmara, no dia 1º de maio de 1960.

Brasília seria oficialmente inaugurada apenas no dia 21 de maio, quando os Três Poderes da República se instalaram simultaneamente em Brasília. No entanto, as festividades da inauguração já ocorriam desde o dia 20 de abril. A nova capital, para Palmério, já começava responder à principal dificuldade do país: a ocupação do território brasileiro. "Quando aluno da Escola Superior de Guerra, e ali se discutia muitas e muitas vezes esse problema de interiorização da nossa Capital, tive a oportunidade de aprender que metade do Brasil é povoada e metade desocupada." **(F.R.J.)**

issuu-downloader.com

Reforma eleitoral: a base para a consolidação da democracia

Atraso na aplicação da lei eleitoral nas cidades interioranas provocou protestos do deputado Mário Palmério

A pressão para se restabelecer a democracia, depois da Segunda Guerra Mundial, levou Getúlio Vargas a convocar eleições. Devido às suspeitas de que tramava um novo golpe, Getúlio acabou deposto. A eleição de 1945, que elegeu Dutra como presidente, utilizou cédulas impressas que carregavam apenas o nome de um candidato e eram distribuídas pelos partidos. Esse sistema permitia fraude, mas foi somente em 1955 que a própria Justiça Eleitoral começou a produzir as cédulas. Começaram a constar nelas os nomes de todos os candidatos.

Porém, em 1955, essas mudanças no processo eleitoral só foram feitas nas capitais. Até o ano de 1962, sete anos depois, a implantação desse sistema não havia sido feita no interior do país. E esse atraso na sua aplicação nas cidades interioranas indignava Mário Palmério, o autor de *Vila dos Confins* – livro que tratava justamente de fraudes eleitorais.

Nos meses de junho e julho de 1962, último ano de seu mandato legislativo, pairava na Câmara um protesto de Mário Palmério contra essa pseudo-democracia que caracterizava as eleições no país. "(...) tem sido quase uma constante nas discussões desta Casa a necessidade de se procederem, no País, as chamadas 'reformas de base'. Sou dos que entendem que só poderemos enfrentar essas reformas de base se realizarmos, preferencialmente, a mais importante delas: a reforma eleitoral."

As eleições não eram feitas de forma igualitária no país. E Palmério defendia que a cédula individual, que continha apenas um nome de um candidato e era distribuída pelo próprio partido, fosse substituída pela cédula única, que continha o nome de todos os candidatos e na qual o eleitor tinha que escolher o seu representante marcando um "x".

O deputado federal Mário Palmério não poupou críticas ao então governador do Estado de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek

Inconformado com a desigualdade no país e com a falta de democracia, Mário Palmério constantemente indagava aos seus colegas de parlamento. "Como podemos aceitar que uma cidade, a minha por exemplo, com 8 escolas superiores, com arcebispado, com 2 Juizados de Direito, uma cidade esclarecida, possa suportar esta discriminação, assistindo à votação, no Estado vizinho de São Paulo, de municípios como Miguelópolis, Igarapava, de pequeno eleitorado, que não têm o desenvolvimento cultural e político que tem a minha cidade, como tem a cidade de Juiz de Fora? Como pode alguém que more ou seja eleitor em Juiz de Fora ser tachado de analfabeto, de incapaz de votar na cédula única?"

Só poderemos enfrentar essas reformas de base se realizarmos a mais importante delas: a reforma eleitoral

O voto, que seria o fundamental instrumento para a democracia, havia se tornado o principal mecanismo para a sua descrença. Segundo Palmério, o regime da cédula individual não conseguia evitar a influência do dinheiro nas campanhas eleitorais. Além disso, a cédula que o eleitor recebia na fazenda simplesmente podia ser trocada no meio do caminho.

Palmério ressaltava que "a discriminação, além de inteiramente inconstitucional, é odiosa, injusta e inexplicável". E fazia um apelo "... em nome de meu Estado, em nome das cidades do interior do meu Estado, em nome dos Estados que não querem aceitar essa discriminação, para que ou tenhamos, em 1962, a cédula individual para todo o país, o que é um contra-senso, o que é uma volta a um processo reacionário e antipolítico, ou para todos os Estados, todas as cidades, sem discriminação, a cédula única".

Mais uma vez, Palmério resistiu à oposição e manteve seu protesto. A questão do transporte não era desculpa, pois as pessoas precisavam ir até a capital para cumprir suas obrigações, como o pagamento do imposto na Coletoria Federal ou Estadual. "Por que esse homem não pode ir de quatro em quatro anos, numa viagem apenas, à cidade para cumprir mais esse dever?" Quanto à dificuldade imposta por eles, "(...) eu acredito que, em se tratando de reforma, de um novo processo eleitoral, haja efetivamente alguma dificuldade. Mas eu prefiro essa dificuldade à impossibilidade em que se encontra o eleitor do interior de votar em quem deseja, porque, isto sim, não é apenas uma dificuldade, mas absoluta impossibilidade (...)".

O voto, que seria o fundamental instrumento para a democracia, havia se tornado o principal mecanismo para a sua descrença

Mário Palmério dizia lutar, acima de tudo, pela democracia, para que pudessem ter, em todo o país, em todas as cidades brasileiras, no interior, nas capitais, em qualquer Estado, sobre o mesmo processo eleitoral "(...) apelando no sentido de darmos a todos os brasileiros, de todas as cidades, o mesmo direito dos favelados do Rio de Janeiro, o mesmo direito daqueles habitantes dos mocambos do Recife, o mesmo direito daquela classe de marginais que pulula e vive nas grandes cidades, os "coloahards", aqueles que vão votar pela cédula única, enquanto nós utilizamos esse instrumento que o próprio Senado da República considerou superado, inadequado, e que não atende aos interesses do País". **(F.R.J.)**

issuu-downloader.com

Em busca da liberdade

Idealistas lutam pela emancipação do Triângulo Mineiro

Fernanda Castilho
6º período de Jornalismo

A idéia da emancipação do Triângulo Mineiro é antiga, começou em 1835 e permanece até hoje. O Triângulo Mineiro pertencia inicialmente à província de São Paulo, juntamente com Minas Gerais, Paraná, Mato Grosso e Goiás .

Em 1720, Minas Gerais se emancipou, mas o Triângulo, Goiás e Paraná continuaram pertencendo à província de São Paulo. Já em 1748, Goiás também se emancipou e levou consigo o Triângulo. Mas só em 1816, Dom João VI, a pedido de um grupo de fazendeiros, líderes políticos e comerciantes de Araxá, separou o Triângulo de Goiás e o anexou a Minas Gerais. Eles alegavam que Ouro Preto, capital da época, era bem mais próxima do Triângulo do que de Goiás e eles tinham razão.

Primeiramente, a idéia da emancipação do triângulo foi idealizada por Fortunato Botelho, um fazendeiro e líder político de Araxá, em 1835.

Por volta de 1857, o povo do município do Prata dava início a outra campanha pela separação do Triângulo e, vinte anos depois, o jornalista e médico francês Henrique Raimundo de Genettes voltou a falar sobre isso na cidade de Uberaba. Foi nessa época que o nome dessa região, que era Sertão da Farinha Podre, mudou de nome e passou a se chamar Triângulo Mineiro. Mas a tentativa de Genettes não deu certo porque sua esposa pouco depois disso faleceu e ele largou tudo e se mudou para Goiás, onde virou padre.

A campanha de emancipação tomou força na década de 50, quando o deputado federal Mário Palmério levou o assunto para a Câmara

Em 1906, através de Hidelbrando Pontes, jornalista, escritor e historiador, renasce a campanha em Uberaba e Araguari, onde se formou um partido separatista.

Treze anos depois, em 1919, o médico e escritor Boulanger Pucci fundou o jornal "A Separação" e reacendeu o movimento. O jornal durou dois anos. Com o seu fechamento, a tentativa da emancipação esfriou novamente.

O advogado e escritor Guido Bilharinho é um dos que sonham com a emancipação do Triângulo Mineiro

Ilustração

Triângulo Mineiro: será que um dia a região vai se tornar um Estado independente?

Na década de 1940, o movimento ressurgiu com o jornalista Ari de Oliveira, que lançou um livro azul do Triângulo Mineiro, que continha um levantamento total de tudo que havia nessa região. A campanha tomou força na década de 1950, quando Mário Palmério, deputado federal, levou o assunto para a Câmara, onde proferiu dircursos e publicou uma matéria nos jornais da Câmara, trabalho feito por seu irmão Péricles Renato Palmério sobre a emancipação. Mas a campanha se esmoreceu em 1956, com a eleição de Juscelino Kubitschek para presidente da República.

No fim da década de 1960, as Associações Comerciais de Uberaba e Uberlândia relançaram um novo movimento. Desta vez, um movimento superorganizado, com publicações e reuniões em congressos lideradas pelo prefeito de Uberaba, Hugo Rodrigues da Cunha, e pelo político Ronan Tito, em Uberlândia. Segundo o advogado e escritor Guido Bilharinho, Hugo tinha uma noção muito boa do Triângulo Mineiro, que é uma região realmente singular, não uma região mineira. O motivo principal da emancipação era o problema com os impostos. O movimento se esvaiu mais uma vez, só que serviu para congregar as pessoas mais interessadas.

As principais justificativas para a emancipação são a singularidade e história próprias do Triângulo Mineiro

Em 1987, o deputado Chico Humberto fez sua campanha que tinha como *slogan* "Minas no Congresso". Esse movimento foi liderado por ele e por Ney Junqueira, em Uberaba. Foi um movimento que tinha um projeto que dividia o Triângulo em nove sub-regiões, mas não deu certo porque foi impedido pelo governador de Minas, Newton Cardoso.

Segundo Guido Bilharinho, para fazer uma campanha dessas, em primeiro lugar, é preciso haver idealismo, uma coisa que falta para os deputados da nossa região. Para ele, a principal razão para a emancipação é que o Triângulo tem singularidade própria, história própria, não é uma região mineira, nem comercial, nem geográfica e nem psicologicamente. "Nós somos um Estado só. Não oficialmente. Mas vamos ser".

Hoje, existe um projeto, bem organizado, onde Nova Ponte seria a capital do Estado, por ser uma cidade pequena, onde há um rio que imita Brasília e por ficar bem no centro do Triângulo.Uberaba e Uberlândia seriam as cidades mais importantes, mais desenvolvidas do Estado. No entanto, segundo Guido, a emancipação do Triângulo hoje é tão difícil quanto a emancipação do Brasil, porque os interesses dominantes não abrem mão e eles usam de todas as armas para não deixar isso acontecer.

issuu-downloader.com

“A língua do povo não está nos dicionários”

Mário Palmério estudou a linguagem popular e criou um glossário para valorizar a riqueza do vocabulário sertanejo

Erileine Rodrigues
Therani Garcia
6º período de Jornalismo

Jeitosa, prainha, traste, gozado, cacunda, risadona. Essas são algumas das palavras que fazem parte do vasto glossário criado por Mário Palmério para dar significado aos termos utilizados em seus livros. A criação de um glossário próprio surgiu da preocupação do escritor em registrar com legitimidade a riqueza da linguagem popular: “A língua do povo não está nos dicionários”, explicava Mário Palmério todas as vezes que era questionado sobre o glossário.

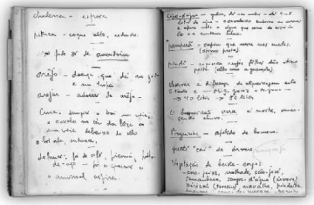
“Só o nó de porco para dar aquela graça à espiralzinha caroquenta que vestia os dois palmos da ponta do bambu…” Quem lê esta frase de *Vila dos Confins* não imagina que o nó de porco quer dizer um nó apertado, muito utilizado na lida com o gado. Estas construções que o escritor usa em seus livros faz com que o texto fique mais autêntico.

Ao consultarmos o glossário de Palmério, encontramos palavras do nosso cotidiano que têm significados diferentes no contexto de sua obra

Segundo o próprio autor, *Vila dos Confins*, o seu primeiro livro, nasceu relatório, cresceu crônica e acabou em romance. A história foi assim: Mário Palmério viajou pela região fazendo relatórios sobre as fraudes políticas que na época eram constantes. Estes relatórios chegaram até as mãos da amiga escritora Rachel de Queiroz, que gostou muito e os mandou para a editora José Olimpio. Nasceu então o primeiro romance de Mário Palmério.

“É uma reportagem sobre a minha experiência eleitoral, sintetizada numa pequena cidade que eu chamei de ‘Vila do Confins’, onde ocorrem os acontecimentos reais de umas dez cidadezinhas. Os personagens são sempre os mesmos: há sempre um Dr. Paulo (deputado), sempre há um mascate, o Xixi Piriá. O cabo eleitoral é sempre um Pé de Meia, o turco da venda é sempre um Jorge Turco, e o ‘coronel’ é sempre um Chico Belo”, explicou Mário em uma das dezenas de entrevistas publicadas na imprensa na década de 50, e que hoje estão preservadas no centro de documentação do Memorial Mário Palmério.

Durante todo o enredo de Vila dos Confis, o escritor transmite sua vivência política e brinca com a linguagem regionalista: “Profundas, as



águas naquele ponto-morto: sumidouro ocado pelo puar eterno do redemoinho, traiçoeiro remanso de lento regirar de espuma; mas o melhor ponto do rio para a pesca dos grandes peixes de couro”.

Ao consultarmos o glossário de Palmério, encontramos palavras do nosso cotidiano que têm significados diferentes no contexto de sua obra. Como, por exemplo, a palavra bacuri, que pode significar criança pequena ou peixe, mas, no glossário, está definida como um tipo de palmeira encontrada em terras férteis.

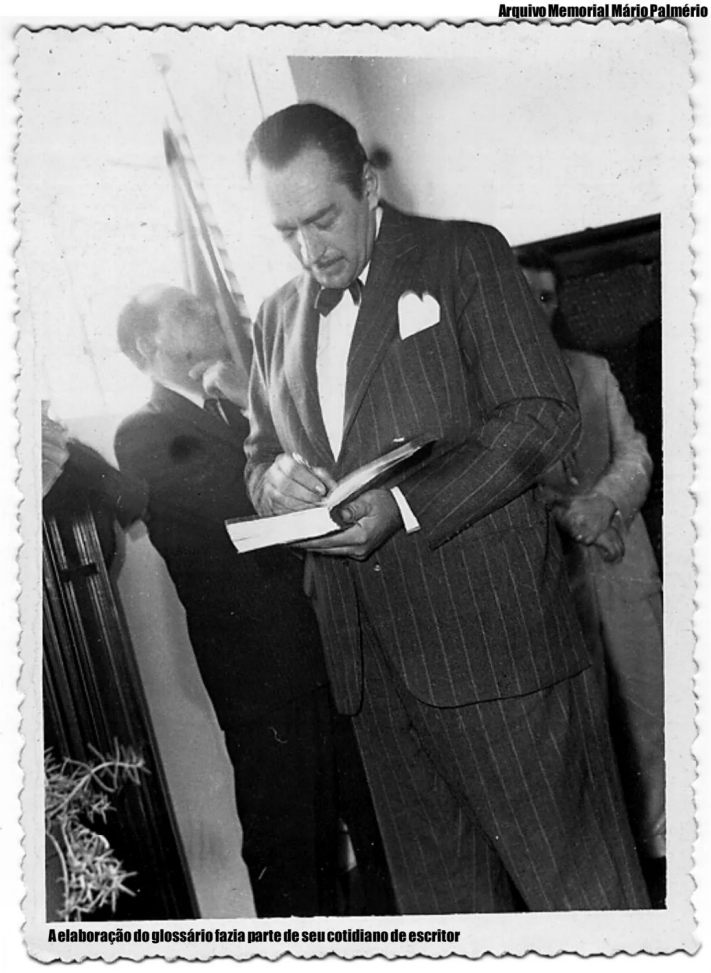
Há também a palavra bicha, que utilizamos no nosso dia-a-dia com um sentido pejorativo e que para Mário é simplesmente o feminino de bicho: “Bem no meio da noite foi que a bicha saltou…e caiu sobre o jumento!”

No glossário, descobrimos também palavras que soam totalmente desconhecidas para as atuais gerações urbanas, dentre elas, mareta: “Suaves, vinham chapinhar no lombo da canoa as maretas do rebojo”. O autor dá a definição para esta palavra. Segundo seu glossário, trata-se de uma pequenina ondulação superficial na água – ondinhas que se formam quando, por exemplo, jogamos uma pedra em um rio.

Para o autor, a dedicação em construir um glossário era mais do que um trabalho: fazia parte do seu cotidiano como escritor, sendo, por isso, uma satisfação essa forma de passar para o papel a linguagem que fazia e faz parte do nosso cotidiano. Além disso, trata-se de uma opção política de valorizar a língua popular, denunciando o fato de que o vocabulário autêntico e as expressões populares do sertanejo são rejeitados pelos dicionários de elite.

O glossário de *Vila dos Confins* já foi digitado e ordenado pela equipe do Memorial, e, em breve, estará disponível na íntegra no portal Mário Palmério.

Arquivo Memorial Mário Palmério



A elaboração do glossário fazia parte de seu cotidiano de escritor

Glossário Palmeriano

Confira alguns exemplos do glossário escrito pelo próprio escritor

Abrição – Ato de abrir
Cacunda - Costas
Croca – Espécie de meio nó que costuma apresentar-se nos fios de aço quando torcidos sobre si mesmo.
Daí – Usadíssimo como “então”.
Desguaritar – perder-se.
Escumarada – Espumarada, sujeira boiante que se acumulam nos rebojos e margens paradas do rio.
Estar no papo – Estar garantido, obter, alcançar.
Jaguarana – Nome indígena de onça brasileira.
Poita – Âncora rústica, improvisada com uma pedra amarrada a uma cedra comprida, descida até o fundo do rio.

issuu-downloader.com

Semana da Comunicação

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL HABILITAÇÕES
EM JORNALISMO E PUBLICIDADE

Tema

Responsabilidade Social e os Desafios da Contemporaneidade

Data

24 a 29 de outubro

Local

Universidade de Uberaba

Horário

14 às 22h45

festival universitário do minuto

Inscrições para o Festival: até o dia 21/10

Horário: 14 às 22 horas

Local: Curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Campus Aeroporto, Bloco L).

Categorias: Humor; Arte; Animação; Educação para a cidadania; Vídeo publicitário; Reportagem, e Patrimônio Cultural

Mais informações sobre o Festival no site da Uniube (www.uniube.br)

issuu-downloader.com